

ALFAGUARA

Joël Dicker

Um animal selvagem

Tradução de José Mário Silva



Era uma casa moderna. Um cubo enorme, todo em vidro, que se erguia no meio de um jardim impecável, com piscina e um grande pátio. A toda a volta da propriedade, floresta. O lugar parecia um oásis, um pequeno paraíso secreto, escondido dos olhares, ao qual se chegava por um caminho privado. À imagem da casa, os seus habitantes pareciam saídos de um sonho: Arpad e Sophie Braun formavam o casal perfeito e eram os pais muito realizados de duas crianças maravilhosas.

Naquela manhã, Sophie abriu os olhos às seis em ponto. Desde há uns tempos, acordava sistematicamente à mesma hora. Ao seu lado, Arpad, o marido, permanecia mergulhado num sono profundo. Por ser domingo, ela gostaria de dormir mais um pouco. Virou-se na cama, sem sucesso. Por fim, levantou-se discretamente, vestiu um roupão e desceu à cozinha para fazer um café. Faltava uma semana para completar quarenta anos e nunca fora tão bonita.

Da orla do bosque, via-se tudo o que acontecia no interior do cubo de vidro. Um homem, ciente de que permanecia invisível nas suas roupas de desporto escuras,

estava agachado atrás de um tronco de árvore, o olhar fixado em Sophie, às voltas na cozinha.

Sophie, pegando na chávena de café, observava o limiar da floresta, que marcava o limite do seu jardim. Era um ritual de todas as manhãs. Abarcava com o olhar o seu pequeno reino, sem suspeitar por um momento que estava a ser espiada.

A alguns quilómetros dali, no centro de Genebra, um *Peugeot* cinzento de matrícula francesa circulava por uma avenida deserta. A claridade matinal não permitia distinguir, através do para-brisas, as feições do condutor. O veículo chamou a atenção de uma patrulha da polícia. As luzes rotativas azuis iluminaram as fachadas dos edifícios à volta. Os agentes procederam ao controlo do *Peugeot* e do seu condutor. Estava tudo em ordem. Um dos polícias perguntou ao condutor o que vinha fazer a Genebra. «Visitar a família», respondeu. Os agentes, visivelmente satisfeitos, foram-se embora. O condutor felicitou-se por ter escolhido um automóvel em segunda mão, comprado a muito bom preço e sobretudo de uma forma legal. Era a melhor maneira de passar despercebido.

Sophie, à janela, continuava a observar o seu jardim. Por vezes, surpreendia uma raposa a cirandar pela relva. Chegou até a ver uma cabra-montesa. Adorava aquela casa, adquirida com o marido um ano antes. Viviam até então num apartamento bem no centro de Genebra, no bairro de Champel. Há algum tempo que andavam a pensar numa casa com jardim, para os filhos poderem brincar. A subida dos preços no mercado imobiliário permitira-lhes vender

o apartamento com uma excelente mais-valia, abrindo a possibilidade de procurarem uma casa maior. Quando visitaram esta vivenda de arquiteto, em Cologny, uma zona abastada, não hesitaram um segundo. Passariam a acordar todas as manhãs num cenário encantador, que no fim de contas ficava a apenas quatro quilómetros do centro de Genebra, onde os dois trabalhavam. De autocarro, o percurso fazia-se com poucas paragens, de automóvel o trajeto durava só doze minutos, de bicicleta elétrica, uns quinze, e não era preciso mais nada para transitar entre os dois universos.

O homem, escondido no mato, observava agora Sophie com uns pequenos binóculos militares. Apreciava o seu corpo esguio, a revelar-se sob o roupão curto, e deteve-se na parte superior da coxa, onde aparecia uma tatuagem em forma de pantera.

Algumas dezenas de metros atrás dele, o seu cão aguardava pacientemente, preso a uma árvore. O animal, deitado sobre um tapete de folhas, parecia habituado a esta rotina que durava desde há várias semanas. O dono vinha até aqui todas as manhãs. Ainda de madrugada, instalava-se e observava Sophie através dos grandes janelões. Os Braun dormiam com os estores abertos, e ele conseguia ver tudo: ela a levantar-se, a descer à cozinha para fazer café e a bebê-lo à janela. Era uma mulher verdadeiramente desejável. Deixava-o deslumbrado. Obcecado.

Bebido o café, Sophie subiu as escadas e regressou ao quarto conjugal. Despiu-se e deslizou nua para a cama, onde o marido ainda dormia.

*

Na floresta, o homem espreitava-a com cobiça. Mas logo desceu à terra. Precisava de sair dali e regressar a casa, antes que Karine e as crianças acordassem.

Desamarrou o cão e foi-se embora como chegara: a correr. Tomou o caminho que atravessava a floresta, voltou à estrada principal e chegou num instante à aldeia de Cologny. Dirigiu-se para um pequeno bloco de casas geminadas. Um conjunto de residências todas iguais, habitações acessíveis para famílias de classe média, que provocaram incómodo e maledicência numa povoação chique, habituada às vivendas de luxo.

Ao entrar em casa, ouviu a mulher chamá-lo:

— Greg? És tu?

Encontrou Karine na sala de estar, a ler enquanto bebia o seu chá. As crianças ainda dormiam.

— Já de pé, amor? — espantou-se ele, fingindo um tom desprendido.

— Ouvi-te levantar e não consegui voltar a adormecer.

— Desculpa, não queria acordar-te. Fui correr com o cão.

Greg, que só conseguia pensar em Sophie, juntou-se à mulher no sofá e encostou-se a ela. Mas era nítido que Karine não estava para aí virada.

— Pára, Greg, os miúdos estão quase a acordar. Deixa-me estar aqui sossegada. Este é dos poucos momentos em que posso ler um bocadinho.

Desiludido, Greg subiu as escadas para ir tomar um duche na casa de banho da *suite*. Ficou bastante tempo debaixo do jato de água morna. As suas escapadelas matinais poderiam custar-lhe caro, se fosse descoberto. Arriscava-se a perder o emprego. E a perder Karine. Ele próprio sentia uma certa vergonha de espiar daquela forma

uma mulher em sua casa. Mas não conseguia deixar de o fazer. Era esse o problema.

A fascinação que sentia por Sophie começara um mês antes, durante uma festa que os Braun organizaram. Desde essa noite, não voltara a ser o mesmo.

* * *

Um mês antes
Sábado, 14 de maio de 2022

Greg e Karine podiam ter vindo a pé, mas a ameaça de chuva fez com que optassem pelo automóvel. De uma casa à outra, o trajeto não durava mais de três minutos. Seguiram pela estrada de La Capite; depois, seguindo as instruções do GPS, desviaram para o pequeno caminho privado que atravessava a floresta e ia dar à casa dos Braun.

— É incrível — observou Greg, ao descobrir o trajeto. — Venho muitas vezes correr para aqui com o cão e nunca me passou pela cabeça que houvesse uma casa no fim do caminho.

Era a primeira vez que visitavam Sophie e Arpad. O pretexto era uma festa organizada para celebrar o quadragésimo aniversário de Arpad. A julgar pelos numerosos automóveis estacionados ao longo do caminho, já tinha chegado muita gente. Greg aproveitou um dos últimos espaços livres, junto a um relvado, e dirigiram-se a pé para o portão que fora deixado aberto e cuja estrutura metálica contrastava com a vegetação em volta.

Arpad e Greg tinham-se conhecido no clube de futebol local, onde os respetivos filhos, mais ou menos da mesma idade, jogavam juntos. Os dois pais de família faziam parte

da equipa de voluntários encarregada de tomar conta do pequeno bar, junto ao campo, um negócio modesto mas que permitia, nos dias de jogo, reforçar um pouco as finanças do clube. Simpatizaram logo um com o outro.

Karine, por seu lado, não conhecia os Braun. Por isso, estava um pouco nervosa. Quando dava por si em terreno desconhecido, tinha tendência a sentir-se pouco à vontade. Para ultrapassar o embaraço, pôs-se a falar:

— Foi muito simpático da parte deles, terem-nos convidado.

Greg concordou.

— Convidaram quantas pessoas? — perguntou ela.

— Não faço ideia.

— O Arpad não te disse?

— Não.

— Mas serão... quê? Umas dez pessoas? Trinta? O que devo esperar?

— Não sei. Não sou eu que organizo a festa.

— O Arpad podia ter mencionado qualquer coisa, a meio de uma conversa.

— Não, não mencionou nada.

— De que é que vocês falam, quando estão de serviço no bar do clube?

Greg encolheu os ombros.

— Dos filhos, da vida, de coisas banais... Mas de certeza que não falamos dos detalhes da sua festa de aniversário.

— De qualquer maneira — disse Karine, para pôr fim àquele diálogo que não levava a lado nenhum —, foi simpático da parte deles terem-nos convidado.

Continuaram a caminhar em silêncio. Havia muitos silêncios entre eles, ultimamente. Karine estava convencida

de que a mudança para Cologny, um ano antes, não lhes fizera nada bem. Até aí, tinham vivido num apartamento arrendado no centro de Genebra, no bairro de Eaux-Vives. Uma rua animada, com muitas lojas próximas e o lago Léman quase em frente. Um apartamento no qual se sentiam bem, talvez um pouco apertados, por serem uma família de quatro, mas com uma renda bastante acessível. E além disso haviam recebido uma pequena herança do lado de Greg (após a morte da sua avó). Desde que recebera esse dinheiro, Greg começara a falar como um pequeno-burguês. Era preciso investir, de preferência em imobiliário, mais seguro do que os mercados bolsistas. E depois os bancos emprestavam oitenta por cento da verba necessária, com juros historicamente baixos. Começou então a folhear as páginas dos anúncios de casas e deu com aquele empreendimento em Cologny: pequenas vivendas geminadas, muito bonitas, à venda ainda em projeto. Realmente, as imagens faziam sonhar. Uma casa própria, com um jardimzinho. Uma vida no campo, a poucos minutos da cidade. Greg afirmava que não havia melhor opção para a família: o mercado imobiliário não parara de crescer nas últimas décadas. E foi assim que deram o grande passo. Tudo se desenrolou com muita facilidade. O banco emprestou o dinheiro, eles assinaram a escritura no notário. E eis como, há cerca de um ano, chegaram à muito chique comuna de Cologny. Mas, desde o momento em que se instalaram, Karine sentia-se deslocada naquele lugar. No início, pareceu-lhe que a casa era mais pequena do que imaginara: havia uma grande diferença entre o tamanho das divisões que a planta lhe sugerira e a realidade. Apesar de a área total ser claramente maior do que a do apartamento, sentia-se apertada. Acabou por compreender que

o seu mal-estar era causado sobretudo pelo novo ambiente em que a família passou a viver. Porque neste opulento subúrbio de Genebra a maior parte dos habitantes exibia, com alguma insolência, o seu sucesso financeiro e social. Havia advogados, banqueiros, cirurgiões, homens de negócios, donos de empresas. Karine perguntava-se uma e outra vez o que raio estavam eles a fazer naquele lugar, sendo ela vendedora numa loja de moda e ele um mero funcionário. Este sentimento acentuou-se quando, ao ouvir conversas alheias, se apercebeu de que, entre as propriedades para milionários em volta, aquele bloco de residências a pensar na classe média era visto como um mamarracho. Descobriu até, horrorizada, que os habitantes de Coligny chamavam àquela fileira de casas «Verruga», e que o conselho comunal se vira obrigado a aprovar, numa sessão extraordinária, um despacho que impedia a construção futura de empreendimentos daquele tipo.

Todos os dias, depois de deixar os filhos na escola, num trajeto a pé de poucos minutos, Karine apanhava o autocarro da linha A, que fazia a ligação entre o campo e o centro da cidade. Pelo caminho, o autocarro atravessava o seu antigo bairro de Eaux-Vives. Experimentava nesses momentos uma pontada de nostalgia. Tocava para descer junto à rotunda de Rive, e depois enveredava pela rue du Rhône, a rua da loja onde trabalhava. Fundindo-se na multidão, sentia-se apaziguada.

Greg e Karine entraram finalmente pelo portão e descobriram o interior da propriedade. Um caminho de acesso pavimentado terminava na garagem transparente, toda vidros, dentro da qual se podiam ver dois *Porsche*. Logo atrás, a casa, também envidraçada e de traça moderna.

— Tratam-se bem! — exclamou Karine. — Afinal o que é que eles fazem?

— O Arpad trabalha num banco, a Sophie é advogada.

Pararam diante da porta e Greg tocou a campainha. Através dos janelões, conseguiam ver que a festa já estava muito animada. Homens e mulheres na casa dos quarenta, de aspeto betinho, saracoteavam-se sem grandes excessos ao som dos êxitos do momento, com taças de champanhe nas mãos.

Karine espreitou o seu reflexo numa das vidraças: emanava classe e elegância, vestida com muito bom gosto, como sempre. No entanto, não se sentia à altura daquela festa. A sua autoestima atravessava um mau momento. Tinha quarenta e dois anos e a sensação de que deixara para trás a juventude. O espelho repetia-lhe isso todas as manhãs.

Depois a porta abriu-se e, logo ali, tanto Greg como Karine foram varados por uma espécie de eletrochoque, ao descobrirem diante deles aquele casal extraordinário que os vinha receber: Sophie e Arpad. Um casal que representava tudo o que já não eram: apaixonados, sorridentes, bem-dispostos, de braço dado. Uma verdadeira dupla. Dois aliados.

Arpad, esplêndido, ao mesmo tempo elegante e descontraído, vestia umas calças italianas de corte perfeito e uma camisa de brancura ofuscante, cujos botões superiores, por fechar, deixavam adivinhar um torso musculado.

Sophie, por seu lado, trazia um vestido preto divino, curto, muito sensual, que lhe esculpia o peito firme e dava primazia às magníficas pernas, compridas, e aos sapatos *Yves Saint-Laurent*.

Encarar Sophie e Arpad, naquela noite, era como ser fulminado por um relâmpago.

Karine e Greg foram recebidos com entusiasmo pelos anfitriões, entre olás e abraços, antes de serem conduzidos ao interior da casa e apresentados aos outros convivas. Arpad serviu-lhes champanhe, depois Sophie pegou na mão de Karine para a apresentar às suas amigas. Karine, aliviada e de súbito completamente à vontade, bebeu de um trago a sua taça. Sophie encheu-a de imediato. Brindaram juntas.

Karine estava seduzida. Alguns minutos antes, diante da porta de entrada, condenara desde logo Sophie e Arpad pelo crime de possuírem aquela casa, aqueles automóveis, aquelas vidas. Fora iludida pelas aparências. Imaginara-os altivos, arrogantes, insuportáveis. E eles eram o contrário disso. Transmitiam uma cordialidade e uma bonomia surpreendentes.

Naquela noite, pela primeira vez desde que chegara a Cologny, Karine sentiu-se verdadeiramente feliz. Dançou, divertiu-se, achou que estava bonita. E no lugar certo. Por causa de uma simples festa, voltou a gostar de si mesma.

Mas este encontro foi na realidade uma colisão. Um choque frontal. Um acidente cujas consequências ninguém conseguiria antever. Exceto Greg, por razões evidentes. Desde que entrou naquela casa, os seus olhos não mais se desviaram de Sophie. Ficou eletrizado. Não era certamente a primeira vez que a via, mas agora ela revelava-se a uma nova luz. Junto ao campo de futebol, ou na padaria da aldeia, não se apercebera da magnitude da sua beleza, da animalidade que se libertava do seu corpo.

Enquanto Karine se divertia e bebia taças de champanhe umas a seguir às outras, Greg, absolutamente sóbrio,

passou a noite toda a espiar Sophie. Tudo o que ela fazia o fascinava: a maneira de falar, de sorrir, de dançar, de tocar no ombro do seu interlocutor. Por volta da meia-noite, quando chegou o momento de apagar as velas, olhou para o modo como ela olhava para Arpad e desejou estar no lugar dele. Ela pôs um braço à volta do pescoço do marido, beijou-o longamente e ajudou-o a cortar as primeiras fatias do bolo. Depois, à frente de toda a gente, entregou-lhe um presente. Arpad mostrou-se surpreso, e mais surpreso ficou ao descobrir, sob o papel de embrulho, um estojo da *Rolex*. Abriu-o e tirou de lá um relógio de ouro. Ela mesma lho colocou no pulso. Arpad contemplou o relógio, absolutamente estupefacto. Depois murmurou qualquer coisa ao ouvido da esposa e beijou-a outra vez. A cumplicidade deles era evidente.

Perto da uma da manhã, quando a festa estava no auge, Greg deixou de ver Sophie no meio da pequena multidão de convidados. Foi logo à procura dela e encontrou-a na cozinha, onde estava a arrumar copos na máquina de lavar loiça. Quis ajudá-la, mas, com um gesto desajeitado, derubou um copo que caiu no chão e se partiu. Precipitou-se para apanhar os estilhaços e ela agachou-se ao seu lado para fazer a mesma coisa. Nesse momento, o vestido subiu um pouco, revelando a pantera que tinha tatuada na coxa. Greg ficou completamente fascinado. Pior do que isso: acabara de se apaixonar por ela.

— Lamento imenso — desculpou-se ele. — Quis ajudar, e eis o bonito resultado...

— Não tem mal — assegurou-lhe Sophie, sorrindo.

* * *

No duche, um mês após a festa de aniversário, Greg voltava a pensar no que Sophie lhe dissera: «Não tem mal...», mas o mal estava nele. No dia seguinte à festa, ao passear na floresta com *Sandy*, um *golden retriever*, descobrira que era possível chegar à propriedade dos Braun através dos bosques. A uma distância segura, poderia ver tudo o que acontecia no interior do cubo de vidro. Greg não resistiu a espreitar a família Braun instalada no sala de estar. Regressou um dia depois, muito cedo, à primeira luz do dia, aproveitando a saída para fazer *jogging* com o cão. Vira Sophie de pé, à janela. Depois disso, passara a vir todas as manhãs.

Terminado o duche, Greg vestiu-se e desceu à cozinha. Entretanto, os filhos tinham acordado e tomavam o pequeno-almoço. Beijou-os, sentou-se à mesa e esforçou-se, como no começo de cada dia desde há um mês, para se convencer de que tudo correria bem e que o seu lugar era ali, junto da família.

Porém, exatamente vinte dias depois, a sua vida iria ser virada do avesso.

Um mistério viciante e febril do grande mestre do *thriller* literário. Com mais de vinte milhões de leitores em todo o mundo, vencedor do Grande Prémio de Romance da Academia Francesa, do Prémio Goncourt des Lycéens e do Prémio Lire, Joël Dicker dá mais um golpe de génio.

No dia 2 de julho de 2022, um par de delinquentes prepara-se para assaltar uma grande joalheria na cidade de Genebra. O engenhoso plano em nada se parece com um roubo comum.

Vinte dias antes, nas margens do lago Léman, Sophie Braun está pronta para comemorar o seu quadragésimo aniversário. Tem uma vida de sonho: mora com a família numa mansão cercada pela floresta, num mundo idílico e aparentemente intocável. Contudo, os alicerces desta ilusão estão prestes a estremeecer.

O marido de Sophie oculta inexplicáveis segredos. O vizinho mais próximo, um agente da polícia, de reputação impecável, torna-se obcecado por ela e espia todos os seus movimentos, até os mais íntimos. E um homem misterioso oferece-lhe um presente que colocará a vida de Sophie em perigo. Serão necessárias muitas viagens ao passado, longe de Genebra, para traçar as origens desta intriga diabólica, da qual ninguém escapará ileso. Nem sequer o leitor.

Um *thriller* de tirar o fôlego, assinado pelo autor que, desde *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, se tornou um fenómeno editorial sem par, capaz de agarrar e ludibriar até o mais cético ou engenhoso leitor.



«Dicker continua a urdir mistérios intensos, impulsionados por uma narrativa trepidante.»

Le Point

«Dicker voltará a quebrar recordes e vai superar a sua marca pessoal de mais de 20 milhões de leitores. [...] Um *thriller* com ritmo e *suspense* avassaladores.»

Elle



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)
  [penguinlivros](https://www.penguinlivros.pt)

ISBN 9789897876226



9 789897 876226 >